



Sobre rodas e com asas: imagens da modernidade Lobatiana¹

Gabriela Santos Alves

Doutoranda em Comunicação e Cultura - ECO/UFRJ²

Resumo

Monteiro Lobato fotógrafo. Reconhecido como o mais importante escritor da literatura infanto-juvenil brasileira, pouco se discute sobre a produção fotográfica de Lobato. É nessa linha que este artigo propõe-se a discutir a questão da modernidade do e no olhar lobatiano, numa reflexão interdisciplinar que engloba fotografia, história e literatura e é representada pelas imagens, presentes nas fotos, de carros e avião.

Palavras-chave

Monteiro Lobato; modernidade; fotografia.

Um dos maiores escritores brasileiros, Monteiro Lobato foi romancista, ensaísta, cronista e tradutor do universo infanto-juvenil, de figuras mitológicas e folclóricas do simbólico que caracteriza a cultura brasileira. Movido por sonhos e utopias, empenhou-se em campanhas para colocar o Brasil no caminho da modernidade – como as do ferro e do petróleo – além de promover uma revolução editorial no país. Mas disto já se sabe. Pouco se conhece, contudo, e pouco se tem falado e escrito, até hoje, do Monteiro Lobato fotógrafo. E um fotógrafo particularmente interessante: uma análise de seu acervo fotográfico³ (e também literário) permite a percepção do inteligente polígrafo que foi, ocupado e seduzido por essa evidência do signo – tão almejada pela escrita – que constituirá sua essência.

Lobato fotografa, coleciona fotografias e perpetua, ao favorecer o devir dos instantes, seu traço do e no tempo. Idealista, procura a construção de uma identidade brasileira calcada nos ideais desenvolvimentistas e progressistas. Sabe que, tanto a experiência fotográfica quanto a literária constroem e recriam, funcionando como pequenas músicas da memória humana.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduação em Comunicação Social, Graduação em História, Especialização em História Política, Especialização em Filosofia e suas fronteiras: mito e arte, Mestrado em Estudos Literários (UFES); atualmente é doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua como docente e é também pesquisadora da Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Fapes). Pesquisa os seguintes temas: comunicação, história, literatura, modernidade, estética, fotografia. E-mail: gabrielaalves@terra.com.br.

³ Os acervos iconográfico e literário de Monteiro Lobato são mantidos pelo Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio” (CEDAE), vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas/SP e também pela Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, em São Paulo/SP.



Escrever sobre Lobato é refletir sobre um homem de mil e uma facetas, uma das personalidades brasileiras mais atuantes da primeira metade do século XX. Autor de cerca de 40 títulos, de literatura geral e literatura infantil, escritas basicamente entre 1914 e 1943, Lobato foi um polêmico, contraditório e apaixonado crítico da sociedade brasileira da Primeira República e da Era Vargas. Grande parte das questões que mobilizaram o país entre as décadas de 1910 a 1940 encontraram nele um observador participante, atento e, muitas vezes, indignado.

Sobre Lobato fotógrafo é uma tarefa ainda mais desafiadora, seja pela lacuna bibliográfica que permeia o tema, seja pela riqueza de observações traduzidas em sua produção. Nessa linha, assume-se aqui o enfoque transdisciplinar com ênfase para o sócio-histórico, estabelecido através dos vértices do triângulo fotografia, história e literatura, compreendidas neste trabalho através de uma sucinta análise da produção fotográfica e literária de Monteiro Lobato. Analisar a obra lobatiana sob essa ótica é debruçar-se com renovado encantamento sobre imagens e histórias que compõem nosso imaginário, sobre um escritor cujas personagens e cenários iluminaram (e continuam iluminando) nossas lembranças e vivências.

Notas sobre os arquivos

Entre as centenas de fotografias que compõem os acervos fotográficos lobatianos, uma em especial chama a atenção e foi a partir dela que este trabalho, e a tese em desenvolvimento, foram pensados. Autofotografia no espelho com máquina Rolleyflex, a imagem de 1937, hoje arquivada na seção de obras raras da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, revela, além do trabalho de composição com o espelho, os elementos que representam a fotografia e a literatura, temas centrais dessa reflexão:



Os acervos iconográficos e literários de Lobato, herdados por sua neta Joyce Campos Kornbluh, estão atualmente disponibilizados para consulta pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (Cedae), no Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp e também pela Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, ambas no estado de São Paulo.

O arquivo do Cedae cobre o período compreendido entre 1822 a 1948 e possui 600 manuscritos/datiloscritos e 468 impressos além de 600 fotografias, 165 desenhos e aquarelas e 7 objetos tridimensionais, entre eles um daguerreótipo. A doação recebida em comodato dos herdeiros de Monteiro Lobato foi realizada em 20 de julho de 2000. O fundo é constituído de espécies documentais diversas referentes à vida pessoal e



profissional de Lobato como escritor, editor, adido comercial, desenhista e empreendedor. O acervo inclui documentos pessoais, vasta correspondência do período de namoro com sua esposa Maria Pureza Natividade e outras trocadas com amigos, escritores, editores, etc.; assim como livros, originais manuscritos e datiloscritos de contos, crônicas, literatura infantil, traduções, desenhos, aquarelas e fotografias de sua autoria.

O fundo está classificado em 9 séries documentais e 12 subséries: documentação pessoal, vida familiar (subdividida em textual, iconográfica e tridimensional), correspondência (subdividida em ativa, passiva e terceiros), produção intelectual de ML (subdividida em textual e iconográfica), produção intelectual de terceiros (subdividida em textual e iconográfica), campanha do petróleo (subdividida em textual e iconográfica), campanha do ferro, biblioteca e póstuma.

A consulta ao acervo é livre e a reprodução é concedida mediante autorização da Monteiro Lobato Licenciamentos S/C Ltda. O idioma predominante é português, contendo documentos em inglês, italiano e espanhol; o endereço do arquivo eletrônico é <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato>.

A segunda parte do acervo fotográfico lobatiano encontra-se na antiga Biblioteca Infantil Municipal, criada em 14 de abril de 1936 como parte de um amplo projeto de incentivo à cultura elaborado por um grupo de intelectuais liderado por Mário de Andrade, então diretor do Departamento Municipal de Cultura. É a mais antiga biblioteca infantil em funcionamento no Brasil e precursora de outras similares, tanto no município como no interior do estado de São Paulo, graças à educadora Lenyra Camargo Fraccaroli, que, além de dirigir a biblioteca até 1960, também incentivou e supervisionou a construção de bibliotecas infantis em vários bairros da capital. Em 1955, a biblioteca passou a denominar-se Monteiro Lobato em homenagem ao escritor. Hoje, além de livros, sala de artes, discoteca, seção de livros raros e teatro de bonecos, a biblioteca abriga o Teatro Infantil Monteiro Lobato/TIMOL e parte do acervo fotográfico lobatiano, composto por mais de 100 fotografias.

As imagens colhidas no arquivo permitem uma reflexão sobre a concepção fotográfica do escritor em suas múltiplas áreas de aplicação: se ora o interesse de Lobato consiste em retratar sua família – sua esposa Purezinha e a neta Joyce aparecem em dezenas delas – em outro momento foca-se na rica paisagem de Campos de Jordão – local de refúgio, passeio e férias – passando também por suas viagens, principalmente a que fez



aos Estados Unidos, e pelas campanhas que empreendeu no Brasil em favor do investimento nas áreas de petróleo e ferro.

Retrato de Lobato

"Nasci pintor e pintor morrerei. E mau pintor!" (LOBATO, 1959, 09). É dessa forma que Lobato, pintor ressentido e advogado por formação, descreve-se ao amigo Godofredo Rangel, com quem troca correspondências por mais de 40 anos. A paixão pelos desenhos vem desde a adolescência e as mais de 160 aquarelas e desenhos a que hoje temos acesso deixam claro que sua produção artística não se dirige apenas à literatura. Exemplo dessa proximidade são as palavras que troca com Rangel a pouco mais de um mês de sua colação de grau: "Somos vítimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo – se não a pegarmos, seremos infelizes; e se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos", (AZEVEDO, CAMARGOS, SACHETTA, 1997, 46).

É também pela fotografia que José Bento Monteiro Lobato, nascido José Renato Monteiro Lobato em 18 de abril de 1882, traduz a visão de mundo de um observador que, como sugere Barthes (1984), pela sua interferência pessoal e subjetiva, imprime na imagem algo além do registro documental, algo de contemplativo – uma emanção real do passado. Sua neta Joyce Campos Kornblin descreve a paixão do avô:

(...) Ele ficava observando, reparando ao redor. Algumas fotos eram ensaiadas; outras, eram flagrantes cheios de imaginação que ele conseguia captar andando para cima e para baixo com a câmera pendurada no pescoço. Se aparecesse uma pose bonita, lá estava ele clicando. Pôr-do-sol e mulher bonita, ele vivia retratando, (...). Chegou também a fotografar uma camponesa vestida como se estivesse pronta para o próprio enterro, porque ela queria ver como ficaria depois de morta, imaginem só! Coisas daqueles tempos passados... (CAMARGOS, 2007, 56).

Bacharel aos 22 anos pela Faculdade de Direito de São Paulo, voltou a Taubaté, sua cidade natal, e ocupou seu tempo escrevendo contos e artigos para jornais de cidades do Vale do Paraíba. Logo em seguida (1907) foi nomeado promotor público em Areias (SP). A vida pacata e sem atrativos da cidade levou-o a se refugiar na literatura, traduzindo obras e enviando matérias e contos para jornais como O Estado de S. Paulo, A Tribuna de Santos e a Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro.

Com a morte de seu avô em 1911, Lobato herdou a fazenda Buquira, passando a dedicar-se a atividades agrícolas. Em 1914 publica, em O Estado de São Paulo, um



artigo intitulado “Velha praga”, no qual criticava a passividade dos camponeses que, a mando de seus patrões, procediam à queima periódica das matas, calcinando o solo no tempo da seca. A intensa repercussão do artigo levou-o a enviar um outro, “Urupês”, no qual aparece o personagem Jeca Tatu, estereótipo do camponês brasileiro que fez com que Lobato começasse a ser reconhecido nos meios literários de São Paulo e evidenciou, também, a forma como o autor encarava a questão desenvolvimentista no Brasil.

Vendeu a fazenda em 1917 e transferiu-se com a família para São Paulo. Com o dinheiro obtido pela venda publicou, em 1917, “Urupês”, e passou a interessar-se pelos dramas do homem do campo, participando da campanha pelo saneamento rural, lançada por Belisário Pena, Artur Neiva e outros.

Com o êxito da vendagem da obra, ocorreu-lhe de tornar-se editor, figura até então inédita no país. Foi assim que, em 1918, associou-se à Otales Marcondes Ferreira e fundou a empresa Monteiro Lobato e Cia. Com o objetivo de popularizar a leitura e suprir a pequena quantidade de livrarias, estabeleceu uma rede de distribuição em padarias, armazéns e farmácias do interior e de algumas capitais. O período que vai de 1919 a 1923 é de grande efervescência literária: publicou, nesses anos, *Cidades mortas*, *Idéias de Jeca Tatu*, *Negrinha*, *Onda verde*, *O macaco que se fez homem* e *Mundo da lua*.

A Revolução de 1924, que paralisou a vida da capital paulista, bem como a crise econômica de 1925, motivada pela longa estiagem e a conseqüente falta de energia elétrica, bloquearam o funcionamento da gráfica, levando Lobato à falência. Ainda em 1925, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde fundou a Companhia Editora Nacional, passando, também, a colaborar para grandes periódicos, entre eles O Jornal e A Manhã. Foi nesse período, ainda, que publicou seu único romance, *O choque das raças*, narrativa futurista que prevê um embate entre uma mulher e um negro à presidência dos Estados Unidos:

Este primeiro e único romance de Lobato – que se especializara em contos, crônicas e artigos – parece ter nascido com surpreendente facilidade da pena do autor. “Nunca me julguei capaz de conduzir um romance até o fim, e no entanto lá o pari em 20 dias. Como é ‘canja’ escrever um romance!”, rejubilava-se a Rangel. “O meu *O reino louro* ou *O choque das raças* ou *O presidente negro* (ainda não o batizei definitivamente) vai sair com 20.000 no mínimo. (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, 216).



Nomeado adido comercial do Brasil em Nova York, Lobato partiu com sua família para os Estados Unidos em 1927, permanecendo até 1931, cargo que conquistou graças às suas ligações com a política paulista que então predominava no país. Mas seu empenho em residir na América tinha como objetivo conhecer a cultura e sociedade americanas, depois do insucesso das atividades editoriais – mesmo quer tenham representado uma grande renovação no movimento cultural brasileiro.

Seu êxito na atividade literária, seja como contista para adultos, seja como escritor para crianças, não impedia o grande esforço de ação que exerceu nas atividades empresariais, sobretudo no campo do petróleo. Sua permanência nos Estados Unidos inspirou-lhe o livro *América*, escrito em 1930 e publicado em 1932.

Vitoriosa a Revolução de 30, Lobato retornou ao Brasil em 1931 empolgado com o progresso dos Estados Unidos. Suas experiências com a economia norte-americana o convenceram de que, para progredir, um país necessitaria essencialmente de ferro e de petróleo:

Segundo ele, o Brasil dispunha dessas duas matérias-primas, faltando apenas serem exploradas. Assim, ainda em 1931 criou uma companhia com capitais privados, o Sindicato Nacional de Comércio e Indústria, para o aproveitamento e a mobilização dos recursos ferríferos pelo processo de William H. Smith, metalurgista norte-americano. Escreveu também o livro *Ferro*, alertando o governo brasileiro para a necessidade de se considerar a siderurgia uma questão de interesse nacional. Em fins de 1931 ultimou os preparativos para o lançamento da Cia Petróleos do Brasil, com títulos de subscrição pública, na zona de São Pedro de Piracicaba, em São Paulo (poço de Araquá). (VIANA, FRAIZ, 1986, 25).

Assim, durante os dez anos que dedicou ao petróleo, Lobato constitui novas empresas: Cia Nacional do Petróleo, na região de Riacho Doce (poço São João), Cia Matogrossense de Petróleo (com duas sondas em Porto Esperança) e a Cia Cruzeiro do Sul, entre outras. Em carta trocada com Anísio Teixeira em 1932, Lobato confirma seu entusiasmo com a Campanha do Petróleo. Nela, afirma que "o petróleo está uma pura maravilha. A vitória está assegurada e, a não ser que me veja espoliado por leis do Juarez, nacionalizadoras do petróleo e que tais, (...) terei meios de realizar várias grandes coisas que me ferverem a cabeça". E, ao despedir-se do amigo afirma que "quando o petróleo rebentar teremos de pensar a sério no assunto" (VIANA, FRAIZ, 1986, 33).



Foi justamente durante esse período, no início da década de 30, que Lobato enfrentou forte concorrência: a empresa norte-americana Itabira Iron lutava pelo monopólio do ferro brasileiro e a Standard Oil. Co. tentava impedir a abertura de novos poços petrolíferos, o que fez com que o sonho do petróleo, e futuramente também o do ferro, não se concretizassem.

Os anos que precedem sua morte, em 1948, são marcados por uma efervescente produção literária, a exemplo de *O Picapau Amarelo* e *O Minotauro*, além de muitas traduções, indicação para a Academia Brasileira de Letras, morte de seus filhos homens e viagens, principalmente a que fez à Argentina. Combativo na vida e na literatura, assim o descreve Carlos Drummond de Andrade:

(...) uma espécie rara no Brasil, ou seja, a que não aspira a função política mas se entrega apaixonadamente à solução de uns tantos problemas fundamentais do país". Embora aponte o petróleo como uma "obsessão, uma loucura, a mania de Monteiro Lobato, Drummond esclarece que não foi a única, tampouco a maior. "À minha filha, e a todos os meninos e meninas de sua idade, cujos pais estavam em condições de comprar um livro, Lobato deu uma infância maravilhosa, que a minha geração não conhecera, na falta de boas histórias nacionais para crianças". Para Drummond, no entanto, "a lição maior de Lobato é a sua própria e tumultuosa riqueza humana. (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, 360).

Homem do porviroscópio: a modernidade lobatiana

Da trajetória de Lobato, o período em que passa nos Estados Unidos como adido comercial é sem dúvida um dos mais marcantes. Ao se transferir para o país em 1927, deixa para trás um país de estrutura socioeconômica arcaica. Modernizando-se em todos os níveis e consolidando rapidamente sua posição hegemônica no cenário mundial, a América, por outro lado, atravessava uma fase exuberante. O contraste não poderia ser maior, mesmo para quem, recém-formado, já manifestava vocação empresarial associada ao êxito nos negócios com o know how norte-americano:

Sabe em que penso agora? Em indústria! Uma fábrica de doces em vidro, geléias inglesas, sistema Morton ou Teysseneau. A firma será Lobato & Paiva. O Paiva é o Eugênio de Paiva Azevedo, meu companheiro de planos. E invadiremos o mercado com uma reclame verdadeiramente americana. Até por aí chegarão os almanaques, as folhinhas de parede, os cartazes de Lobato & Paiva. Nos cinemas, após uma fita sobre a guerra russo-japonesa, em vez do retrato do Tsar ou do filho do Sol em



apoteose, lá aparece, num deslumbramento: "Para as lombrigas, compostas Lobato & Paiva" (LOBATO, 1959, 113).

Com os mesmos olhos de menino do interior espiando para além de um horizonte imediato, durante sua temporada nos EUA, além de escrever seu romance *Choque das raças*, conhece as indústrias e o trabalho de Henry Ford – a quem elogiara as iniciativas de numa série de artigos e também traduzira algumas obras, como *Today and tomorrow* e *My life and work*. "Não imaginas que semana fecunda em consequência passei por lá com aquela gente única do mundo!", relata ao médico Cândido Fontoura – seu amigo e presidente do laboratório responsável pela fabricação do Biotônico – em carta datada de 29 de maio de 1928. "Almocei com Edsel Ford, e foi-me sugerido escrever um livro sobre ele para ser publicado aqui. Ficaram de me fornecer todos os elementos informativos" (NUNES, 1986, 29).

Aproveitando a viagem, também conheceu a sede da General Motors, que não o deixou menos impressionado. "Que coisa imensa é Detroit! A Ford eu já sabia o que era, mas a G. Motors foi novidade para mim" (NUNES, 1986, 29), conta, na mesma oportunidade.

O lucro líquido do ano passado foi de 235 milhões de dólares, ou 6.000 por dia... O capital da empresa é equivalente a 9 milhões de contos! A produção está em 9.000 carros por dia. Um assombro. Detroit cresceu dez vezes em 15 anos. Passou de 200.000 habitantes a 2 milhões. Tem uma renda municipal que bate o orçamento do Brasil (NUNES, 1986, 30).

Para Lobato, Henry Ford significava, no mundo tangível das realizações concretas, o que, no plano filosófico, Nietzsche sempre representou. Abraçando a linha do progresso científicista norte-americano – em uma época em que o Brasil ainda se voltava para a Europa na busca de modelos –, ele, porém, não nutre falsas ilusões. A "humanidade estava desesperada para a racionalidade pragmática do projeto fordista, devendo, a seu ver, atravessar inúmeras etapas intermediárias antes de adotar o que chama de solução definitiva" (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, 212).

Na posição de observador privilegiado, Lobato tece comentários sobre os problemas nacionais. Em carta ao amigo Artur Neiva⁴, em 9 de setembro de 1927, afirma que "deste ponto de vista, vejo bem o Brasil em conjunto e posso julgar de sua mentalidade. É o caso perdido que eu já supunha aí". Além de escrever, Lobato também fotografa e

⁴ As cartas que Monteiro Lobato envia a Artur Neiva encontram-se no Arquivo Artur Neiva, CPDOC/FGV/RJ.



as imagens a seguir mostram claramente a mudança não só de pensamento, mas também do olhar do fotógrafo Lobato:



A foto acima, datada de março de 1914, retrata três dos quatro filhos de Lobato, Martha, Edgard e Guilherme, na Fazenda São José do Buquira, em São Paulo. A imagem apresenta alguns temas característicos do pictorialismo, como a paisagem e a natureza no cenário rural. Além disso, a composição encontra-se equilibrada, com todos os elementos harmoniosamente estabilizados, destacando como interesse principal as crianças no carro de boi. Enquanto o primeiro plano está mais nítido, o fundo é suave e os motivos secundários (pilastras, cerca) determinam pontos de fixação da vista, prolongando o olhar do observador sobre a fotografia sem, no entanto, desviar a sua atenção do motivo principal.

A imagem reforça, além disso, as reflexões de Lobato sobre a monocultura cafeeira, o caboclo, a mentalidade "atrasada" do campo e a construção da nacionalidade brasileira, temas que lhe são caros desde a faculdade e ganham nova dimensão no cenário da fazenda Buquira. A visão que Lobato tem do trabalhador rural é fortemente condicionada pela imagem racista da população brasileira, comum a uma elite intelectual, da qual ele faz parte, formada no início do século, que, baseada no "binômio civilização-progresso (...) [preocupa-se] em construir uma nação moderna, livre dos traços "caipiras" predominantes no interior, mas também [presentes] na cidade" (FRAIZ, 1991, 283).

O estreito contato com os caboclos leva-o a escrever o artigo *Velha praga*, cujo esboço desenvolve em carta. Considerando o caboclo o piolho da terra, um ser constritor e parasitário, aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio inadaptável à civilização, Lobato é implacável em suas avaliações:

Atualmente estou em luta contra quatro piolhos "agregados" aqui das terras. Persigo-os, quero ver se os estalo nas unhas. Meu grande incêndio de matas desse ano a eles o devo. (...) Cresce. (...) Constrói lá uma choça de palha igualzinha à paterna, produz uns piolhinhos muito iguais ao que ele foi. (...) Contar a obra de pilhagem e depredação do caboclo. A caça nativa que ele destrói, as velhas árvores que ele derruba, as extensões de matas lindas que ele reduz a carvão (LOBATO, 1959, 363)⁵.

Publicado em novembro de 1914 na seção *Queixas e reclamações*, de *O Estado de São Paulo*, o artigo alcança enorme repercussão. Lobato recebe cartas elogiosas, convites para conferências e em dois meses o artigo é reproduzido em 60 jornais do país. Em

⁵ Nessa mesma carta, investe contra os literatos urbanos que, endeusando o caboclo, eleito herdeiro do índio retratado pelo romantismo indianista, perpetuam, segundo ele, uma visão equivocada do homem rural.



seguida, publica no mesmo jornal outro artigo, *Urupês*, protagonizado pelo tipo que o consagraria definitivamente na literatura: o Jeca Tatu (CAMPOS, 1986, 11), o caipira ignorante e indolente, supostamente responsável pelos problemas do fazendeiro. Em *Urupês*, Lobato relaciona os defeitos do Jeca – passividade, preguiça, falta de iniciativa econômica e política – e conclui que ele "é incapaz de evolução e impenetrável ao progresso" (CAMPOS, 1986, 17).

Par e passo ao amadurecimento literário e intelectual, a trajetória de Lobato vai sendo marcada por um crescente envolvimento com questões de natureza econômica, não apenas as ligadas diretamente à sua sobrevivência, mas também as que remetiam ao universo mais amplo do desenvolvimento do país. Seu interesse cada vez maior por esse domínio foi certamente o grande responsável pela descoberta dos Estados Unidos, pela crença de que a adoção da mística do progresso material e da eficiência trazida pela máquina, embutida nos valores do *american way of life*, seria fundamental para a superação do atraso brasileiro.

No final da segunda década do século XX, os Estados Unidos não eram apenas vistos como o país do mercantilismo, do interesse, do egoísmo brutal. Com o término da Primeira Guerra Mundial, a realidade era outra. Grande vencedor do conflito, os norte-americanos, abarrotados de divisas e esbanjando prosperidade, rapidamente expandiam sua influência por todo o planeta. E ao Brasil, essa influência chegava não apenas sob a forma de capital, que o governo brasileiro tomava emprestado dos Estados Unidos, mas também como modelo ideal de civilização (LAMARÃO, 2002, 56).

Mergulhado no mundo dos negócios, Lobato interessava-se cada vez mais pelos modernos métodos de gestão adotados nos Estados Unidos. Segundo André Vieira de Campos, "seus textos da segunda metade dos anos 20 estão permeados por concepções fordistas", as quais consistem não apenas num "conjunto de técnicas de produção", mas também "de uma visão de mundo cujo objetivo é construir a hegemonia burguesa a partir da ótica do capital industrial, ou seja, da fábrica" (CAMPOS, 1986: 79 - 86).

"Sinto-me encantado com a América. O país com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro! Ninguém andando de costas!". Em dois meses, Lobato estabelece contatos com o industrial William H. Smith, criador do ferro esponja, e conclui "que o Brasil deve investir rapidamente no aço e no petróleo se quisesse ter uma economia industrial" (LOBATO, 1959, 302).

Para Lobato, um país onde um sujeito para ir de um ponto a cem milhas de distância, "salvo honrosíssimas exceções, montar num nosso irmão cavalo e gastar 150 horas de



sua vida é positivamente um país paralítico. O americano faz 100 milhas com o dispêndio de 2 horas de vida". Traçando um paralelo entre as nações europeias e a América, afirma: "Aqui vejo todos os problemas resolvidos e uma média de felicidade individual que nunca nenhum sociólogo julgou possível. É positivamente o primeiro país que acertou a mão na ciência do viver coletivo", afirma, em carta enviada a Artur Neiva em 9 de setembro de 1927.

Em seu segundo ano na América, Lobato ainda permanece estupefado com as conquistas tecnológicas. "Quanta novidade! É a terra das invenções esta. Não há dia em que os jornais não anunciem uma nova. Agora por exemplo estão eles cheios de televisão – uma coisa que previ no Choque para o ano dois mil e tantos" (NUNES, 1983, 13-14).



Na foto acima, feita em 1930 durante um passeio da família pelo conjunto de Jackson Heights, Nova York, nota-se outro elemento moderno característico da sociedade americana que fascina Lobato: o automóvel. Em primeiro plano, o carro é enquadrado numa clara perspectiva moderna, sem grande equilíbrio entre os elementos, e a bomba de gasolina traduz não apenas a passagem de combustível, mas também o caminho necessário para que o Brasil se modernizasse – o petróleo. No início de 1931, retorna ao Brasil, trazendo na bagagem os originais de América, publicado no ano seguinte. No livro, retrato dos Estados Unidos em 1929, pinta em cores vivas sua confiança no



progresso e seu deslumbramento com a civilização urbano-industrial, ao lado das reiteradas alusões à necessidade do Brasil explorar o ferro e o petróleo, base da sociedade industrial que colocaria o país na trilha do desenvolvimento econômico e da superação do malfadado atraso.

A foto a seguir, feita em 1938 durante a Campanha do Petróleo no Maranhão, reforça a idéia já pensada em "América", obra em que Lobato assinala os ícones da tecnologia americana avançada e coloca-as em contraponto a reflexões sobre o Brasil, discutindo o avanço dos meios de comunicação e transporte como responsáveis pelo encurtamento das distâncias entre os homens e as sucessivas mudanças que, em decorrência, se processam no consumo, educação e espaço urbano:





Referências bibliográficas

AZEVEDO, Carmem Lucia, CAMARGOS, Marcia, SACCHETA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CAMARGOS, Marcia. *Juca e Joyce: memórias da neta de Monteiro Lobato / depoimento a Marcia Camargos*. São Paulo: Moderna, 2007.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Pica-pau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo, Martins Fontes: 1986.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Ed. Nacional, 1955.

FRAIZ, Priscila. O racismo em Monteiro Lobato: um estudo de O choque das raças ou O presidente negro. *Pensar e Dizer*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1991.

FRAIZ, Priscila, VIANNA, Aurélio. *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/CP-DOC, 1986.

LAMARÃO, Sérgio. Os Estados Unidos de Monteiro Lobato e as respostas ao atraso brasileiro. *Lusotopie*. Rio de Janeiro: 2002, p. 51-68

LISSOVSKY, Mauricio. O refúgio do tempo no tempo do instantâneo. *Lugar comum: estudos de mídia, cultura e democracia*. Rio de Janeiro, n. 8, p. 89-109, mai./ago. 1999.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

MELLO, Maria Teresa Bandeira de. *Arte e fotografia: o movimento pictorialista no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.

NUNES, Cassiano (org.). *Monteiro Lobato vivo...* Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986.

_____. *Cartas de Monteiro Lobato a uma velha amiga*. São Paulo: s.e., 1983.